



Se no passado fizemos um movimento “do contra” à redução da maioria, dessa vez realizávamos um encontro “a favor”, para comemorar os 5 anos da maior entidade de hip-hop do mundo, a Nação Hip-Hop Brasil.

4P – Política Para o Povo da Periferia

Toni C*

"O ser humano é um animal político por natureza", já dizia Aristóteles mais de 300 anos A.C. No Ariston, bairro desassistido de Carapicuíba, conheci a política feita pela juventude periférica.

Mão pra Bolo & Cia é uma crew-posse-sindicato dos manos que reúnem skatistas, grafiteiros, teatro, arte circense, maracatu, DJs e um turbilhão de ideias. Uma vez um cartaz da UJS foi parar nas mãos dos malucos.

– Puta que o pariu, é disso que nós tamu falando! Us caras querem enquadrar nós.

Foi mais ou menos assim que Chulipa, cantor da banda Uzome SP, definia a campanha contra a redução da maioria penal. Catraca, um dos mentores do grupo, concordava dizendo:

– Depois vão meter fogo na mulcada!

Referindo-se à legalização da pena de morte e já prevendo os próximos passos.

O cartaz preto tinha uma foto com quatro rapazes no chão “toman-do geral” e um policial em pé com o cano do revolver dentro da boca de um deles.

Nos idos de 95, na era do governo FHC, havia um clima favorável para a aprovação de leis como esta. A vontade da rapaziada de fazer alguma coisa era geral, mas como diz o pensador, o que fazer?

Escola de samba, capoeira, batalha de break, cinco mil pessoas, em um dia de evento comunitário com o mesmo tema “Contra a redução da maioria penal”; foi a nossa resposta. As atrações eram grupos que iam de Ratos de Porão a SNJ, rock e rap juntos. Naquele dia, sorteei no palco livros do Paulo Shetara com o título *A Nação Hip-Hop*. Fico velho e não esqueço essas cenas.

A partir dali, conheci muita gente, percebi que o Ariston era em todo lugar onde houvesse juventude contestando, seja cultural ou socialmente. “Periferia é periferia em qualquer lugar”, dizia GOG.

Com muito custo, nos demos conta de que, se os problemas e dificuldades são iguais em todo canto, a solução poderia também ser coletiva. Foi necessária muita articulação, diálogo e uma década e meia para chegarmos a São Vicente, começo da história.

Se no passado fizemos um movimento “do contra” à redução da maioria, dessa vez realizávamos um encontro “a favor”, para comemorar os 5 anos da maior entidade de hip-hop do mundo, a Nação Hip-Hop Brasil. Em quatro dias, o encontro reuniu um público de mais de dez mil pessoas, mil delegados de todas as regiões do Brasil, cinco países entre eles Chile, Argentina, Venezuela e Canadá, 16 grupos de debates, 10 grandes atrações. Nunca havia acontecido antes nada parecido. O que significa que estávamos na primeira cidade do país fazendo história. Celebrando também a nossa história com o lançamento do segundo livro, *Hip-Hop a Lápis*, que marca o surgimento de uma nova literatura, a Literatura do Oprimido, com mais escritores que Academia Brasileira de Letras.

O encontro contou com autoridades da esfera federal, estadual e local, todas as grandes emissoras de TV cobriram o evento, grandes ícones do movimento como o lendário Nelson Triunfo e MV Bill passaram por lá.

A Nação é a constituição maior de uma rede do movimento hip-hop



À esquerda: Militantes da Nação Hip-Hop no 14o Congresso Nacional da UJS, em São Paulo/SP. À direita: Abertura do 3o Encontro Nacional da Nação Hip-hop, realizando em janeiro deste ano em São Vicente/SP

que se articula internacionalmente. Mas não é a única mostra da atuação política da juventude de periferia por meio da cultura hip-hop. Muitos dos membros Nação, MCs, DJs, grafiteiros e breakers têm também em suas biografias a atuação na câmara municipal de suas cidades, muitas vezes como vereadores. Pois acredite! Há vereadores do rap, como Anderson 4P em seu segundo mandato, em Francisco Morato, ou Eva, em Sumaré. Há também membros de conselhos tutelares, do conselho nacional de juventude, acadêmicos, secretários de cultura. Todos produzindo políticas públicas para o povo da periferia.

Como definiu Danilo Moreira, presidente do Conselho Nacional de Juventude, ao se deparar com a profundidade dos debates, quando dividiu uma mesa com os manos da Nação durante o encontro. "Aqui está presente a alta intelectualidade da periferia."

Hoje, o hip-hop se tornou lei, como a lei 13.348 da semana da cultura hip-hop, aprovada no Rio Grande do Sul, pelo Deputado Estadual Raul Carrion. Eu estive no Auditório Dante Barone, salão nobre da Assembleia dos deputados em Porto Alegre junto com 700 manos para presenciar e celebrar a execução da lei.

O primeiro movimento social que o presidente Lula da Silva recebeu no Palácio do Planalto, em seu primeiro mandato, foi o movimento hip-hop. Ações concretas para o movimento, posso contar por meio de um outro nordestino.

Um cabra casca grossa no hip-hop que conheci. Além de nordestino era pobre, preto, rapper maranhense do grupo Clã Nordestino, de letras politizadas, conhecido como Preto Ghôez.

A Nação é a constituição maior de uma rede do movimento hip-hop. Mas não é a única mostra da atuação política da juventude de periferia por meio da cultura hip-hop. Muitos dos membros Nação, MCs, DJs, grafiteiros e breakers têm também em suas biografias a atuação na câmara municipal de suas cidades, muitas vezes como vereadores. Pois acredite! Há vereadores do rap, como Anderson 4P em seu segundo mandato, em Francisco Morato, ou Eva, em Sumaré.



Em setembro de 2004, no auge de sua trajetória, Ghôez sofreu um acidente de automóvel e faleceu.

Deixou como herança o movimento, a luta. Em sua memória, outros rapazes reivindicaram e tornaram lei aprovada na Câmara Municipal de Sorocaba uma rua no bairro pobre do habiteto com o nome "Preto Ghôez". O nome deste caboclo também foi adotado em outra lei, o edital público que garante o primeiro prêmio nacional de hip-hop produzido pelo Ministério da cultura. É 1,7 milhão em dinheiro que premiará 135 iniciativas culturais.

Por tudo isto, posso emprestar uma frase de um metalúrgico para dizer, "nunca antes na história deste país" o movimento hip-hop teve tamanho protagonismo político, tamanha intervenção social e não irá parar por aqui.

Muito dessas ações passou pela construção do líder do grupo Faces da

Morte, o rapper Aliado G. Presidente fundador da Nação Hip-Hop Brasil, foi o responsável por apresentar o grupo Clã Nordestino ao mundo, foi o primeiro rapper a ser candidato a deputado estadual e o primeiro candidato a prefeito. Estimulando mais de 30 jovens do movimento hip-hop a que concorressem nas eleições de 2008, sete foram os eleitos.

As leis sempre existiram para nos condenar, nos aprisionar. Hoje, criamos leis para nos tornarmos livres.

Ah! Quanto ao ato que organizamos com o Ratos de Porão, pode não ter sido simplesmente por esta atividade, mas a redução da maioria penal não foi aprovada. 📍

* **Toni C.** é DJ e produtor cultural. Coordenador do Ponto de Cultura Hip-Hop a Lápiz, é autor do vídeo-documentário É Tudo Nosso! O hip-hop fazendo história. Também é membro da Nação Hip-Hop Brasil e da equipe do Portal Vermelho.